

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POTENCIALIDADES PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO

Daielly Bitencourt de Oliveira¹
João Carlos Pereira de Moraes²

RESUMO: A contação de história compõe o rol de atividades didático-pedagógicas da Educação Infantil, em que o lúdico e a imaginação adquirem espaço pedagógico. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar potencialidades da contação de história na Educação Infantil, a partir de uma perspectiva de trabalho lúdica e interdisciplinar numa escola de Educação Infantil no município de Jaguarão/RS. Como autores basilares, o estudo apoia-se em Abramowicz e Oliveira (2010), Ariès (1992), Fernandes et all. (2019) e Oliveira e Dalla (2013). Assim, o trabalho apresenta três momentos de atividades com contação de história com crianças da Educação Infantil. Na análise, percebemos que as atividades de contação são potentes para desenvolver a expressão, a participação e o envolvimento lúdico das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Contação de história. Ludicidade.

STORYTELLING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: POTENTIAL FOR PEDAGOGICAL WORK

ABSTRACT: Storytelling makes up the list of didactic-pedagogical activities in Early Childhood Education, in which play and imagination acquire pedagogical space. In this sense, the present work aims to analyze the potential of storytelling in Early Childhood Education, from a perspective of playful and interdisciplinary work at the Early Childhood Education School in Jaguarão/RS. As key authors, the study is supported by Abramowicz and Oliveira (2010), Ariès (1992), Fernandes et all. (2019) and Oliveira and Dalla (2013). Thus, the work presents three moments of activities with history contact with children from Early Childhood Education. In the analysis, dissemination of children's participation activities are to develop expression.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Storytelling. Playfulness.

1. INTRODUÇÃO

Quando passamos a falar sobre questões que envolvem a Educação Infantil, sem dúvidas abrimos um leque de problematizações que nos possibilita realizar diversas observações, pesquisas e considerações a seu respeito.

Logo, neste trabalho, pretendemos relatar algumas experiências da primeira autora em um estágio remunerado na rede pública de ensino. Nesse sentido, essa pesquisa visa analisar potencialidades da contação de história na Educação Infantil, a partir de uma perspectiva de

¹Licencianda do Curso de Pedagogia. E-mail: daiellybitencourtoliveira@gmail.com.

²Doutor em Educação (USP). Professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: joaomoraes@unipampa.edu.br.

trabalho lúdica e interdisciplinar numa escola de Educação Infantil no município de Jaguarão/RS.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa alguns autores serviram como base para direcionar este olhar observador, tais como Ostetto (2012), Lira e Rubio (2014), Hoffmann (1991) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compor o referencial teórico desta pesquisa, apresentamos dois momentos. No primeiro deles, discutimos a Educação Infantil e, em segundo, a Literatura Infantil para o grupo de crianças desta etapa de ensino.

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao pararmos para observar alguns pontos dentro de todo este processo que nos leva até o determinado lugar onde estamos nos dias de hoje, podemos passear em alguns pontos dentro da história da Educação Infantil.

Logo de início, ao se tratar da criança, vemos que o entendimento relacionado a ela era pouco aprofundado, uma vez que não era vista como um sujeito ou cidadão de direitos, assim como ter uma educação específica para sua determinada faixa etária, de acordo com suas especificidades ou, até mesmo, o contexto no qual ela vive (KUHLMANN JÚNIOR, 1998).

No século XIV, por exemplo, não se tinha uma ideia construída sobre a infância. A criança era vista como uma pessoa adulta, chegando isso a interferir no tipo de atividade que aquela criança deveria desempenhar, sua forma de comportamento, assim como até suas próprias vestes. Ela, além de ser vista como um adulto, era assim também representada (ARIÈS, 1992).

Rodrigues (2010) afirma que:

[...] de uma maneira geral até o século XIV, não foram encontradas marcas definidoras de uma especificidade de uma infância, pois as crianças eram tratadas como pequenos adultos, vestindo-se e sendo representadas nas artes da época como tal. (RODRIGUES, 2010, p. 26).

Ao se ter esta ideia e este pensamento relacionados à criança, no decorrer do tempo, este entendimento passou a se reconstruir de outras formas percorrendo por um longo processo.

Sendo assim, por volta do século XVII, a infância passa a ser considerada como apenas um determinado período específico da vida de uma pessoa. Ou, como aponta Ariès (1992),

É a partir do século XVII, que cada vez mais foi se construindo a ideia de infância enquanto um momento particular da vida, concepção fundamentada por conhecimentos de diversos campos da ciência, tais como a Medicina e algumas de suas especializações, como a Puericultura e a Neurologia; a Psicologia, a Psicanálise e a Pedagogia. A consciência social sobre a importância da infância, construída ao longo da modernidade, deslocou gradativamente a criança pequena do lugar de irracional para um status de aprendiz, de sujeito da educação formal e cidadão. (ARIÉS, 1992, p. 26).

Com o surgimento de novas concepções, a criança passa a ser vista como um sujeito, agora aprendiz, cidadão e oportuno para a educação formal. De modo geral, a criança era abstrata e a infância algo universal, sem levar em consideração suas especificidades, tais como contexto no qual ela está inserida.

No decorrer do tempo, começam a surgir espaços onde as famílias trabalhadoras poderiam deixar seus filhos. Devido a isso, pensando em garantir a mão de obra, surgem as denominadas creches, centros de cuidados e, até mesmo, casa da criança, disponibilizando o atendimento em tempo integral.

Já na década de 1980, em um contexto democrático, surge a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), que trazia a criança como sujeito de direitos.

A Constituição Federal de 1988 – CF/88, considerada exemplar em relação à normatização referente aos direitos fundamentais, é a primeira legislação que coloca crianças de zero a seis anos como sujeitos de direito e define o dever do Estado para com a família trabalhadora no sentido de garantir o atendimento em creches e pré-escolas às crianças pequenas. (CRAIDY, 2001, p. 35).

A partir disso, surgem diversos documentos que também ressaltam a garantia tanto de vaga para a criança em creches como de outros direitos, como uma educação de qualidade. Essa perspectiva associa-se com um pensamento mais crítico de infância.

Partindo de uma perspectiva sociológica, a criança é vista como um sujeito ativo no seu processo de vida, de sua socialização no meio onde está inserida. Nesse sentido, Abramowicz e Oliveira (2010) ressaltam que:

[...] falar da criança e da infância a partir da base estabelecida por este campo, consagra a criança o papel de sujeito e protagonista da história, e dos processos de socialização. Ou seja, a criança é compreendida como um sujeito social

capaz de se atribuir significados, sentidos e cultura própria e inusitada. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p. 39).

Partindo disso, um ponto válido de se ressaltar é a questão da idade, por exemplo, mesmo que ela possa ser pensada como algo apenas biológico, quando se passa a observá-la de um lado histórico e social, ela passa a ser entendida a partir de um conceito de geração.

Mannheim (1990 apud ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010) aponta:

Tanto a noção de idade como a de geração têm servido as hierarquizações, as classificações, as distinções e as relações de poder, que de certa maneira a ideia de experiência impediria. O conceito de geração possibilita entender o caráter relacional do conceito de infância, visto que pretende pensar a relação entre infância e idade adulta. (MANNHEIM, 1990 apud ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010, p. 44).

Sendo assim, a partir de uma análise de comportamento, pode-se compreender alguns aspectos e ações que fazem parte desse período de infância, um deles bem conhecido e identificado é o próprio brincar.

Por outro lado, ao nos depararmos com a necessidade de se ter uma educação adequada e específica para atender as crianças, compreende-se a importância da criação de documentos que pudessem nortear e assegurar os mesmos.

Campos e Silveira (2015) trazem que:

[...] a discussão referente à consolidação do direito das crianças pequenas à educação em instituições específicas para esse fim vai além das discussões educativas. Nesse sentido, é fundamental destacar, ao pensar o percurso da educação infantil no País, a importância de se considerar tanto o campo de práticas e conhecimento, quanto o campo dos movimentos sociais. (CAMPOS; SILVEIRA, 2015, p. 354).

Nesse contexto, a Educação Infantil passa a ser reconhecida como a primeira etapa da Educação Básica na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394 de 1996 (BRASIL, 1996). Com isso, passa-se a buscar algumas reivindicações frente à formação docente com um ideal de poder entender o que de fato seria uma educação e práticas adequadas para crianças pequenas, como a contação de histórias.

2.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Ao refletirmos sobre a Educação Infantil, podemos observar a necessidade de uma educação na qual visa colocar a criança como centro do processo educativo, buscando desenvolver conhecimentos que possam atender suas necessidades e especificidades.

Logo, buscamos trazer a possibilidade de utilizar a contação de histórias como forma de se pensar uma estratégia educacional, ou seja, uma abordagem metodológica com benefícios para a infância.

Por um longo período, podia-se observar que a contação de história era algo considerado inferior, por não ser um método avaliativo concreto que poderia gerar uma determinada nota. Nesse sentido, era utilizado apenas como um passatempo, um momento de distração para as crianças.

Assim, como afirma Oliveira e Dallas (2011),

As instituições educacionais ainda recusam um trabalho diferenciado com a leitura, por que a contação de histórias se diferencia dos métodos das avaliações. Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado. (OLIVEIRA; DALLAS, 2011, p. 236).

Ao utilizar a contação de histórias na escola, é necessário reorganizar algumas estratégias, assim como meios de se avaliar, para que ela possa ser usufruída e geradora dos melhores benefícios e não contribua para uma frustração e um fracasso escolar dos educandos.

Deste modo, ao se aprofundar nesta temática da contação de história, pode-se observar a riqueza de benefícios, conteúdos, prazeres, sentimentos e emoções nos quais ela pode expressar, gerar e desenvolver aos seus ouvintes e apreciadores (MATEUS et al, 2014).

A contação de história não é algo simples de ser feito, pois se vê a necessidade de uma formação de professores adequada para realizar esta tarefa. Hoje, podemos encontrar até mesmo cursos de formação e capacitação de educadores na utilização desta metodologia de ensino. Nessa formação, é importante observar se a história está adequada ao seu público e se o planejamento da contação problematiza o porquê, para quem e quando será utilizada.

Nesse sentido,

A didática do conto de histórias é motivante e enriquecedor nas séries iniciais, mas com o cuidado de que a estrutura da narração deve ser previsível para a criança, de fácil linguagem, com imagens e possibilidade de explorá-las posteriormente de forma lúdica, às narrativas possibilitaram as crianças um

melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão textual. (OLIVEIRA; DALLAS, 2011, p. 236).

Outro ponto que vale ressaltar é o grande leque de possibilidades que a contação de histórias pode nos ofertar, assim como, por exemplo, poder passear e aprender sobre as diversas áreas do conhecimento como a linguagem, a matemática, entre outros, sem que isso se torne entediante.

ABRAMOVICH (1995) traz que:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome de tudo isso e muito menos achar que tem cada de aula. (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

A possibilidade de utilizar a leitura e a contação de histórias de forma interdisciplinar se torna algo prazeroso e agradável às crianças, principalmente quando este momento é realizado de forma planejada e adequada, pois ela terá a oferta de poder conhecer e realizar a leitura de diferentes espaços, tempo, culturas, assim como ter a leitura de mundo entre outros.

Além disso, é de suma importância a interação das crianças, tornando-as ouvintes ativas e participativas ao viverem momentos de contação de histórias.

De acordo com vários estudiosos a contação de história é um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalham o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, calores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade. (OLIVEIRA; DALLAS, 2011, p. 236).

Ao observarmos diversos pontos em relação à forma de se pensar, adequar e planejar a contação de histórias, vemos a possibilidade de formar cidadãos leitores futuramente. Nesse sentido, concordamos com a fala de Villard (1997), em que ressalta que “para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. Com prazer, isso é possível, é mais fácil do que parecem” (VILLARD, 1997, p. 2).

Assim, certamente, quando passamos a realizar as atividades de leitura de forma lúdica, acabamos tornando-a algo atraente e prazeroso para as crianças, passando a envolvê-las em práticas sociais de linguagem.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa tem por objetivo analisar potencialidades da literatura na Educação Infantil, a partir de uma perspectiva de trabalho lúdica e interdisciplinar. Para atingi-lo, realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, que consiste em:

[...] um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (KAUARK; CASTRO; MEDEIROS, 2010, p. 25).

Sendo assim, a pesquisa se desenvolve através de análises de experiências vividas com as crianças por meio da contação de histórias, não tendo necessariamente um instrumento específico de estatísticas, por exemplo.

Além de qualitativa, essa pesquisa consiste num estudo de caso, uma vez que passa a ser analisada de forma atenciosa e profunda frente aos objetivos propostos. Nesse sentido, Zanella (2013) define o estudo de caso da seguinte forma:

estudo exaustivo de um ou poucos objetos de pesquisa, de maneira a permitir o aprofundamento do seu conhecimento. Os estudos de caso têm grande profundidade. e pequena amplitude, pois procuram conhecer a realidade de um indivíduo, de um grupo de pessoas, de uma ou mais organizações em profundidade. (ZANELLA, 2013, p. 38-39).

Como campo de pesquisa, foi realizada no município de Jaguarão, mais especificamente numa escola municipal, em uma turma de Pré II, ou seja, com crianças entre dois e três anos de idade, com um total de 17 crianças.

A intervenção consistiu em algumas atividades feitas durante as aulas, partindo de leituras, músicas, vídeos e poemas que serviram como instrumentos potencializadores, tanto para poder realizar a atividade como auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem das crianças de certa forma.

Sendo assim, descreveremos algumas delas que foram marcantes para realizarmos a análise proposta.

- **História 1:** cada um é do seu jeito – livro “O Patinho Feio”.

Objetivos específicos: (1) ouvir a história; (2) expressar-se oralmente; (3) observar o outro; (4) desenhar como se vê.

Nesta aula, realizamos uma brincadeira que partiu da leitura da história do patinho feio, onde, conforme a história era narrada, passava-se a destacar as diferenças de cor de pele, cabelo, corpo, olhos etc., que as próprias crianças tinham entre elas na sala de aula.

Durante a história, questionávamos as crianças sobre o que elas achavam em relação ao que aconteceu com o patinho e toda a situação. Além disso, as organizamos em duplas para perceberem as diferenças do outro. Por fim, pedimos para que fizessem os seus autorretratos perante um espelho.

- **História 2:** criar história a partir de imagens – sequência lógica.

Objetivos específicos: (1) ouvir as histórias criadas; (2) respeitar as regras; (3) expressar-se oralmente; (4) ler as imagens; (5) apresentar a história.

Neste momento, as crianças foram divididas em três grupos pequenos. Para cada grupo, foi distribuída uma sequência de imagens desorganizadas em que deveriam observar as cenas e, de acordo com o raciocínio do grupo, organizá-las da forma na qual seria a ordem correta. Feito isto, o grupo teria que contar sua história aos demais colegas.

- **História 3:** criação de história com fantasias e fantoches.

Objetivos específicos: (1) visitar a brinquedoteca da Unipampa; (2) explorar os brinquedos presentes na brinquedoteca; (3) ouvir a história; (4) explorar os fantoches; (5) interagir com os colegas e professores.

Neste dia, as crianças fizeram a visitação na brinquedoteca da Universidade Federal do Pampa. No espaço, as crianças exploraram o lugar, os brinquedos, tudo que despertasse sua atenção. Depois do momento livre, as crianças vestiram fantasias disponíveis e, coletivamente, inventou-se uma história e o grupo a encenava.

Para a análise dos dados produzidos, utilizou-se a descrição e as possíveis associações com o referencial teórico suscitado ao longo deste texto. Além disso, elencou-se trechos dos acontecimentos das atividades desenvolvidas para produzir a análise.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

Em um determinado dia, após as crianças passarem uma grande parte da manhã em brincadeiras livres na praça da escola, elas realizaram o lanche como de costume. Logo, ao retornarem à sala de aula, perguntamos à professora titular o que faríamos naquele determinado momento, para que, mediante a sua resposta, nós pudéssemos nos orientar e ajudar durante a mediação das crianças. A docente permitiu que elaborássemos uma atividade com o grupo.

Logo, observamos que na sala de aula havia uma caixa transparente com uma tampa em cima de um armário onde havia alguns livros de histórias para crianças. Pegamos a caixa, escolhemos um livro bem divertido e começamos a falar em um tom alto de voz:

Pesquisadora: Pessoal, pessoal, quem quer ouvir uma historinha?

Crianças: Eeeeeuuuuuuuu!

De repente, todas as crianças estavam ao redor da pesquisadora. Nota-se que as crianças já se adaptaram em organizar a sala para o processo de contação de história. Além de prestar a atenção, o grupo questionou sobre os acontecimentos da história, pedindo, ainda, que outra fosse contada.

Embora a ação tenha sido momentânea e o planejamento seja flexível, é necessário ressaltar a importância de a contação de história incorporar o planejamento docente, uma vez que:

O Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo, mas não pode ficar só na intenção, ou melhor, só na imaginação, na concepção. (OSTETTO, 2012, p. 1).

Com isso, percebemos a importância de um planejamento adequado para aquele determinado grupo de crianças, visando seus interesses, suas curiosidades e suas especificidades.

Logo, percebe-se que, além de se planejar, deve-se também voltar-se com um olhar crítico em relação à nossa prática cotidiana, percebendo a maneira em que as crianças estão respondendo as atividades, se elas estão ou não sendo produtivas, deve ser clara a intenção de cada atividade a ser desenvolvida, saber de fato o que estamos ensinando e para quê.

Ter este planejamento nos possibilita repensar as atividades, porém, sabemos que ele não é um modelo pronto, ele precisa ser construído de forma adequada e flexível, a ponto de que se houver a necessidade de ser ajustado, caso seja possível.

Devido a este ocorrido, buscamos desenvolver a nossa prática com as crianças a partir do lúdico, entrelaçando a interdisciplinaridade por meio de histórias e brincadeiras diversas.

Nesse sentido, para elaborar o planejamento, consideramos a BNCC (2018) – Base Nacional Comum Curricular, que ressalta que

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. (BRASIL, 2018, p. 42).

De acordo com a BNCC, podemos ter um norte de por onde se deve começar esta inserção ou de que forma, pois um professor mediador deve estar sempre atento, observando as curiosidades, as preferências etc.

Com isto, é válido ressaltar a grande importância que tem a contação de histórias na Educação Infantil. Como aponta Fernandes et al (2019):

As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Logo, se faz necessário que o professor utilize essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da fantasia. (FERNANDES et al, 2019, p. 20).

Dessa forma, a pesquisa buscou proporcionar diversas experiências de contação de histórias, produção textual coletiva, exploração de livros, materiais, sabores, experimentação, desafios, criatividade, imaginação, entre outras atividades com as crianças, fazendo o uso destes meios como ferramentas que auxiliaram durante toda a prática de contação de história, visando alcançar o desenvolvimento das crianças.

Sendo assim, descreveremos a seguir, nas análises, algumas atividades realizadas e algumas reações frente a elas.

Na primeira brincadeira, intitulada *cada um é do seu jeito*, utilizamos o livro “O Patinho Feio”. O objetivo foi fazer com que as crianças pudessem se expressar oralmente, observar o outro entre outras possibilidades.

Na turma, uma das crianças apresentava um histórico de não conseguir se expressar: não falava seus desejos, gostos, necessidades, sentimentos. Ela não se comunicava com nenhum professor, apenas com alguns de seus colegas. Essa atividade permitiu ganhar sua confiança, assim como trazê-la para participar das atividades, sem constrangê-la.

No momento em que as duplas estavam organizadas, uma de frente para a outra para que pudessem perceber o que há de diferente no outro e, também, em frente ao espelho.

Nesse momento, perguntei o que viam no espelho e as respostas foram as seguintes:

Criança 1: Nossa agora sou maior que o [...]. O meu cabelo é preto igual o do meu pai [...]. Olha, prof, o meu olho é diferente!

Criança 2: Ah, eu sou bonito! [...] Olha, o meu cabelo é bonito! O meu cabelo é maior.

Criança 3: Olha, prof, eu tenho o tamanho igual do [...]. Eu sou grande.

Assim seguiam os comentários das crianças, alguns, mesmo tímidos, foram encorajados e também participaram nesta brincadeira. Eles estavam empolgados e muitos ficavam surpresos ao se verem no espelho.

Nesta primeira atividade, percebemos um grande envolvimento das crianças, foram participativas, estavam curiosas e atentas às perguntas e às relações que estavam sendo feitas, puderam expor suas ideias de uma forma mais descontraída e divertida durante a aula.

Neste sentido, Oliveira e Dallas (2011) apontam que:

A contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil ou ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. (OLIVEIRA; DALLAS, 2011, p. 237).

De fato, nota-se as crianças estimuladas a participarem quando se busca trabalhar desta forma, pensando a contação de histórias como um potencializador do desenvolvimento delas.

Na segunda atividade, *criar história a partir de imagens: sequência lógica*, as crianças se dividiram em três grupos pequenos, com cenas soltas em mãos, que deveriam organizar como uma narrativa lógica. As imagens traziam as cenas de uma das histórias preferidas do grupo, “Chapeuzinho Vermelho”.

No início, ao explicar como seria a atividade, as crianças ficaram com um pouco de receio, pois tinham a ideia muito forte de algo que deveria estar certo ou errado, contudo, conversamos e pedimos para que cada grupo observasse o que os “bonequinhos” estavam

fazendo, assim, eles deveriam ir montando suas historinhas. Aos poucos, as crianças foram se soltando e ficaram bem curiosas ao observar as cenas que elas tinham em mãos, logo as gargalhas rolavam e as crianças inventavam coisas além das cenas que elas tinham.

Por fim, pedimos para que as crianças apresentassem sua organização e, assim, contassem a sua historinha a seus colegas, narrando “o que os bonequinhos estavam fazendo”. Deste modo, surgiram: “lobo bonzinho”, “chapeuzinho vermelho de capuz azul” e “cesta de doces que tinham flores”.

Nesse sentido, Oliveira e Dallas (2011) afirmam que:

Podemos verificar que estas assimilações possíveis, permeadas de encanto e ludicidade, tornam o ato de aprender mais interativo, instigante e estimulante porque falam ao interior de cada criança, propiciando um fazer educativo pleno de significação e envolvimento. (OLIVEIRA; DALLAS, 2011, p. 239).

Na última atividade, *criação de história com fantasias e fantoches*, progressos na questão de expressão corporal, imaginação, trabalho em equipe, desenvolvimento oral e educacional foram proporcionados.

Neste dia, as crianças foram organizadas para uma aula passeio, em que o grupo foi deslocado até a Universidade Federal do Pampa para uma visita na brinquedoteca da instituição. Cada criança pegou uma fantasia e as utilizamos para compor nossa história.

Feito isso, as crianças foram encenando todo o desenvolvimento de uma história que falava da poluição, onde tinha um belo jardim cheio de flores lindas no qual as pessoas passavam a jogar lixo (a plateia espalhou diversas peças de jogos em volta das crianças vestidas de flores para representar o lixo) e aquelas flores foram ficando tristes a ponto de morrer quase, logo a plateia deveria ajudar a resolver aquela situação. As crianças de fato entraram na história, quando se tratava das plantinhas que estavam tristes elas se moviam de um sentimento como se realmente estivessem tristes de verdade, da mesma forma quando estavam felizes no seu rosto se estampava um grande sorriso maravilhoso.

Diante de toda esta situação, questionamos sobre o que poderíamos fazer para que tudo ficasse bem (com isso, todos ajudaram a limpar o jardim e as flores ficaram alegres e bem cuidadas), como faríamos para ajudar as florzinhas ficarem felizes, desta forma, a história foi movida de sentimentos, envolvimento, reflexões e muito mais, foi realmente algo muito bom e cheio de aprendizagens.

Logo, as crianças relataram as questões de lixo nas quais elas vivenciam dia a dia, colocando alternativas e pensando o que e de que forma falariam aos seus pais para que também ajudassem a resolver este problema, começando pela sua casa.

Estes momentos nos permitiram, além de observar, vivenciar na prática a grande diferença de poder transportar a criança para dentro deste grande mundo de possibilidades que a contação de histórias nos permite adentrar.

Assim como aponta Oliveira e Dallas (2011),

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente. (OLIVEIRA; DALLAS, 2011, p. 240).

É impressionante ver como podemos, através disso, permitir que a criança viva algo que vai além de aulas como já estamos acostumados a frequentar, e sim poder se envolver, viver e participar de momentos de imaginação e brincadeiras, mas também proveitosos e acrescentadores quanto ao desenvolvimento de sua aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa, percebeu-se que há, de fato, a necessidade de se utilizar diferentes estratégias para poder trabalhar com as crianças de modo que elas possam aprender de uma forma prazerosa, mas sem deixar de lado o encanto de ser criança, a fantasia, a ludicidade e a brincadeira, pois tudo isso faz parte.

Durante o período de pesquisa, foi possível experimentar com as crianças a contação de história como estratégia metodológica, obtendo resultados positivos, pois possibilitou trabalhar de uma forma que envolvesse todos os alunos sem deixar de atender suas necessidades e especificidades.

Foram momentos mais que especiais, cheios de aprendizagens e ricos de reflexões, trazendo benefícios que podem ser atribuídos e contribuir de forma encantadora na aprendizagem das crianças.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da infância no brasil: uma área em construção. **Revista Educação (UFSM)**, v.35. 2010.
- ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1992.
- BRASIL. **A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)**. Ministério da educação, 2018.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 18. ed., atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 1998.
- BRASIL. **Lei n.9394**, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Editora do Brasil.
- CAMPOS, Rosânia; SILVEIRA, Maria Carmen Barbosa. BNCC E EDUCAÇÃO INFANTIL QUAIS AS POSSIBILIDADES? **Revista Retratos da Escola**, v. 9. 2015.
- CRAIDY, Carmem Maria. Educação Infantil e as Novas Definições da Legislação. In: CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis (Orgs.). **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERNANDES, Tânia. et all. A contação de história e a aprendizagem. **Semana Acadêmica**, 2019.
- KAUARK, Fabiana da Silva; CASTRO, Fernanda Manhães; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- MATEUS, Ana do Nascimento Biluca et all. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, 5(1), 54-69, 2014.
- OLIVEIRA, Linete de Sousa; DALLA, Andrezza Bernardino. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Rev Educere Educare**. 6(12), p. 235-249, 2013.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Planejamento na educação infantil... Mais que a atividade. A criança em foco**. Ed: Papyrus. Campinas/SP, 2012.
- RODRIGUES, Maria Luiza Flores. Movimentos na construção do direito à Educação Infantil: histórico e atualidade. **Revista Educação (UFSM)**, v.35, 2010.
- ZANELLA, Liane Carly Hermes et all. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. reimp. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2013.